ARTIGO CIENTÍFICO

O ABSURDISMO E O SENTIDO DA VIDA: UMA ANÁLISE HERMENÊUTICA A PARTIR DO "MITO DE SÍSIFO" DE ALBERT CAMUS

ABSURDISM AND THE MEANING OF LIFE: A HERMENEUTIC ANALYSIS BASED ON THE "MYTH OF SISYPHUS" BY ALBERT CAMUS

Felipe Augusto Torres[1]; Perci Klein[2]

[1]Acadêmico do Curso de Psicologia, Centro Universitário Unicuritiba, Rua Chile, 238, CEP 82.010-330, Curitiba, PR. [2]Professor, Mestre, Psicólogo, Centro Universitário Unicuritiba, Rua Chile, CEP, Curitiba, PR.

RESUMO: Este artigo utiliza o método hermenêutico para explorar a questão do sentido da vida na obra "O Mito de Sísifo" de Albert Camus. De acordo com Camus, a vida humana não possui um sentido prévio, uma vez que os indivíduos são lançados em um mundo vazio. Por meio do mito grego de Sísifo, se estabelece uma analogia com a vida moderna, na qual os sujeitos muitas vezes enfrentam tarefas repetitivas e aparentemente sem sentido. Apesar do absurdo inerente à existência, os seres humanos têm a capacidade de criar seu próprio sentido na vida. Eles podem encontrar significado na ação de confrontar o absurdo, na busca por experiências significativas e na construção de seus próprios valores e objetivos. O mundo pode permanecer em silêncio diante das perguntas existenciais, mas os indivíduos têm a liberdade de escolher como responder a essa falta de sentido. Este estudo examina a filosofia de Camus em relação ao sentido da vida e destaca a importância da liberdade e da responsabilidade pessoal na busca pelo significado em um mundo absurdo. Ao fazer isso, ele contribui para uma compreensão mais profunda das questões existenciais e da filosofia existencialista, oferecendo perspectivas valiosas para aqueles que buscam compreender a natureza da existência humana e o papel da liberdade na criação de significado.
Palavras-chave: Absurdo. Existencialismo. Filosofia. Psicologia.

ABSTRACT: This article uses the hermeneutic method to explore the question of the meaning of life in the work "The Myth of Sisyphus" by Albert Camus. According to Camus, human life has no prior meaning, since individuals are thrown into an empty world. Through the Greek myth of Sisyphus, an analogy is established with modern life, in which subjects often face repetitive and apparently meaningless tasks. Despite the inherent absurdity of existence, human beings have the ability to create their own meaning in life. They can find meaning in confronting the absurd, in seeking meaningful experiences, and in constructing their own values and goals. The world may remain silent in the face of existential questions, but individuals have the freedom to choose how to respond to this lack of meaning. This study examines Camus's philosophy regarding the meaning of life and highlights the importance of freedom and personal responsibility in the search for meaning in an absurd world. In doing so, he contributes to a deeper understanding of existential questions and existentialist

philosophy, offering valuable perspectives for those seeking to understand the nature of human existence and the role of freedom in creating meaning.
Keywords: Absurd. Existentialism. Philosophy. Psychology.

1. INTRODUÇÃO

A busca pelo sentido da vida é uma das questões mais profundas e persistentes que têm intrigado a humanidade ao longo dos séculos. Esta busca, inerente à condição humana, tem sido objeto de reflexão em várias correntes filosóficas, sendo uma das mais notáveis delas o existencialismo. No entanto, além do existencialismo tradicional, uma corrente filosófica que se destaca na abordagem desse tema é o absurdismo, cujo precursor notável é o renomado autor e filósofo Albert Camus.

Este artigo tem como objetivo explorar a discussão sobre o sentido da vida, adotando uma perspectiva do absurdismo no ensaio filosófico "O Mito de Sísifo," escrito por Albert Camus. Ele nos apresenta a imagem do ser humano como um estrangeiro solto ao mundo, desprovido de direcionamento ou caminho predeterminado. Diante dessa ausência de orientação, o homem se vê compelido a questionar sua própria existência e frequentemente encontra o silêncio do mundo como resposta. Surge, assim, a questão crucial: qual é o sentido da vida e da existência?

Ao navegar as reflexões de Camus sobre o sentido da vida, este artigo busca não apenas explorar as complexidades do absurdismo, mas também discutir através de uma perspectiva psicanalítica a questão do suicídio apontada por Camus no início de sua obra.

2. MATERIAL E MÉTODO

Este estudo adotou uma abordagem metodológica exploratória, com a interpretação crítica da obra "O Mito de Sísifo" de Albert Camus como ponto central da pesquisa. A escolha da metodologia exploratória se justifica pela natureza filosófica do tema em questão e pela necessidade de uma análise aprofundada e reflexiva da obra de Camus sob a perspectiva do absurdismo.

O método hermenêutico foi empregado como a principal ferramenta de análise neste estudo. A hermenêutica é uma abordagem interpretativa que permite a compreensão profunda e contextual da obra filosófica, considerando o contexto histórico, cultural e as intenções do autor. Esta metodologia foi considerada apropriada,

dada a natureza complexa e multifacetada das reflexões filosóficas contidas na obra de Camus.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Camus e o Sentido da vida

Em seu livro “O Mito de Sísifo” (2019), Albert Camus argumenta e estrutura a partir de seu raciocínio que a vida não apresenta sentido. Toda a existência e tudo aquilo que a permeia, faz parte do caos desordenado do universo, sem sentido prévio ou explicação. Camus designa tal fenômeno como “O Absurdo”. É o absurdo de estarmos vivos e existindo num mundo onde somos lançados, sem explicações ou direcionamentos. É o absurdo, começarmos a pensar e refletir sobre nossas dúvidas sem obter qualquer tipo de resposta. O homem que começa a pensar, nunca mais será o mesmo.

> “Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo. E como todos os homens sadios já pensaram no seu próprio suicídio, pode-se reconhecer, sem maiores explicações, que há um laço direto entre tal sentimento e a aspiração ao nada.” (CAMUS, 2019, p. 15).

Como consequência disso, nasce o Homem Absurdo. Homem é aquele que é inquieto em seu próprio espírito, que na vida cotidiana imerso em sua rotina questiona cada ato e escolha. Estar vivo existindo é a sua maior dificuldade. Como enfrentar o dilacerante niilismo do qual não se escapa?

Posto entre a miséria e o sol, a questão fundamental da filosofia para Camus é o suicídio, todas as discussões além disso não passam de ilusões e perfumarias. Se para o Homem Absurdo, da vida não se escapa e do absurdo não se vence, por que não adiantar o fim? Não se basta como fenômeno social, é a relação do indivíduo e sua morte, é o preparo diante do silêncio de seu coração. O pensamento atormenta, e começar a pensar é um ato sem volta. Aquele que se mata, confessa que foi superado pela vida ou pelo seu não entendimento. Viver uma vida em sua plena natureza, não é uma tarefa fácil

pelo caráter inútil justificado pelo sofrimento. É o agito mundano. Existir nesse mundo é como se mudar para outro continente, você é um estrangeiro, como chama Camus. É o sentimento de estar bem não estando, é a ausência de sentido na ressonância do coração. Ressoa no coração o que se sente, é a inquietude de sentir, mas não compreender a própria sensação. É como um enigma misterioso, sem indícios de onde começa a resolução de seu mistério.

O suicídio ilude dando a ideia de que ele responde à pergunta fundamental da vida, se ela vale a pena ser vivida ou não. Se sustenta pelo sim ou pelo não. O homem que se mata, se contradiz pela certeza de sua vida ser o fim. São antagônicas e opostas, a vida só existe sem a morte e a morte só existe sem a vida. Diferente da luz e da escuridão que são irmãs gêmeas dizigóticas da mesma mãe, a morte exclui toda a potencialidade da vida. O sentido da vida não se encontra na morte, pois essa deixa de ser vida e vivida.

> "Diante destas contradições e destas obscuridades, será então preciso acreditar que não há relação alguma entre a opinião que se tem sobre a vida e o gesto que se faz para abandoná-la?" (CAMUS, 2019, p. 16).

Logo, se o suicídio não é a resposta, como viver uma vida que não vale a pena ser vivida? Se do absurdo e de sua privação de uma vida natural, o sentimento de angústia arrebata o desespero, que não basta a esperança de melhora para o Homem Absurdo chegar ao seu sentido. A esperança não lhe cabe, pois demasiadamente se equipara a qualquer outra ilusão ou alienação. É como se matar pelo futuro prometido, desqualificando o seu agora. É deixar-se levar pelo tempo, se rendendo a uma vida sem brilho, morna. De seu coração, nascem sentimentos que são inesgotáveis, deles a experiência do mundo dribla qualquer alusão à razão. Do magnífico ao miserável, preenche o coração do pobre Homem Absurdo, esse tão apático e exausto. Mal percebe ele, que da sua ruína, nasce a sua revolta. A sua maior maldição, o seu maior peso, se transcreve em seu maior dom. Filho de Nietzsche é aquele discípulo que se guia pelo seu sentir, eis o homem. Se da equação racional temos o horror, do sentimento teríamos a liberdade? Os sentimentos também podem ser turvos e podem enganar, se exige aqui então uma familiaridade, uma ânsia por clareza. Para compreender o mundo, o homem se reduz a si mesmo, ao vir-a-ser humano. Oh demasiadamente humano… Que sua ruína seja a bússola de sua conquista! Que de seus arrependimentos enxergue as suas fraquezas e impotências, que seja o aditivo para alimentar a fogueira da vida, o viver.

Entre todas as verdades, que uma prevaleça: Tu és e serás estranho a ti mesmo. Sempre uma eterna construção. Quem eu sou não se responde, se sente e se vive.

O absurdo se tornou uma paixão, de tão presente e constante, é inevitável o nascimento de um certo apego. Das paixões, quais poderei sustentar? Podemos aceitar as paixões como lei absurda da vida? Das paixões humanas nos lembramos de uma condição primeva, a condição da finitude humana. Do absurdo só se tem uma clareza, o fim. Do outro lado, na dança das cadeiras das ilusões, a razão permite o reaprender a ver. É como um truque, em que cada olhar tenta enganar o outro. O campo do sentir engana, e o pensar anestesia. Que seja então o caminho do meio, o caminho das verdades e virtudes. Esse caminho é privilégio. Sem ele, nasce do confronto o absurdo, produto do apelo humano de entendimento e do silêncio inaudito do mundo.

Caminhamos até aqui entre o suicídio e a possibilidade de resistir através do caminho das paixões, do sentir e do pensar. Outra faceta da mesma moeda é se matar ideologicamente através de crenças que alienam o próprio pensar. Tudo aquilo que afasta o homem de sua consciência, tende a anular o seu existir. Aqui cabe a religião e a política, e todo tipo de instituição que reprime a potencialidade inata de cada ser. Aquele que anula a vida em prol de uma promessa futura, mata a si mesmo e o seu viver. O problema não é crer em algum deus ou seguir algum partido político. O problema é não pensar. É não se permitir a questionar, se revoltar e discordar. A moral tem a sua culpa, os valores impostos devem ser superados. Se o absurdo se impõe como um divórcio, que não sejam as ideologias a reconciliação com o mundo e a própria vida. O absurdo não existe além do espírito humano, por isso não morre ao se seguir o pensamento coletivo. Só deixa de existir com a própria morte. De todas as verdades, que faça de uma delas o meu amparo, meu sustento. Mas que seja minha. Que meu caminho até ela seja trilhado por mim mesmo. Que seja do homem a sua verdade, pois ele será vítima da sua própria verdade. É tão vítima que irá se esforçar para escapar do próprio mundo que criou.

A evasão, a fuga, o distanciamento. A ideologia dizima toda esperança de superação. O fracasso mostra o ser da transcendência.

> “E levando ao extremo essa lógica absurda, devo reconhecer que tal luta supõe a ausência total de esperança (que nada tem a ver com o desespero), a recusa contínua (que não deve ser confundida com a renúncia) e a insatisfação consciente (que não se poderia assimilar à inquietude juvenil).

> Tudo o que destrói, escamoteia ou desfalca estas exigências (e em primeiro lugar a admissão que destrói o divórcio) arruína o absurdo e desvaloriza a atitude que pode então ser proposta. O absurdo só tem sentido na medida em que não seja admitido.” (CAMUS, 2019, pg. 32)

3.2 O Suicídio e a Psicanálise

Camus abre seu texto apresentando a lógica por trás do fenômeno do suicídio e percorre pelo raciocínio do absurdo que irá se desenvolver por toda a obra. Para auxiliar no desenvolvimento deste trabalho, tomo a liberdade para investigar e discutir a questão do sentido da vida e do suicídio a partir da Psicanálise. A grande questão apontada por toda a reflexão feita por Camus, desemboca em algo fundamental que é a dor de existir. Algo anterior a qualquer questionamento subsequente, o sentimento amargo presente em determinados indivíduos que flertam ou flertaram com a ideia do sentido da própria existência e a sua afinidade com a dor. Lacan se aproxima ao discutir no Seminário 5 a questão do desejo e sua satisfação formulando com a dor:

> “O outro termo a ser inscrito nessa problemática do desejo, e no qual, ao contrário, insisti da última vez, é a excentricidade do desejo em relação a qualquer satisfação. Ela nos permite compreender o que é, em geral, sua profunda afinidade com a dor. Em última instância, aquilo com que o desejo confina, não mais em suas formas desenvolvidas, mascaradas, porém em sua forma pura e simples, é a dor de existir. Esta representa o outro polo, o espaço, a área em cujo interior sua manifestação se apresenta a nós.” (LACAN, 1999, p. 350).

Temos aqui um início de um jogo enigmático entre sentido e satisfação de desejo, que inclina para a problemática da dor da existência. O desejo está para além de qualquer satisfação possível e isso se confunde com a ausência de sentido da vida para a realização do desejo. Em “O Tempo e O Cão” (2009), Maria Rita Kehl diz sobre a perda de sentido como o cair antes da queda. O sentimento de esvaziamento extremo de sentido que mina qualquer articulação com o desejo na vida do sujeito, principalmente o deprimido ou o melancólico. Como é descrito, um tempo de excesso de sentido num polo, e o seu esvaziamento em outro. Citando Nasio, a depressão é a perda de uma ilusão: a fantasia sustentadora de sentido se esvai no momento de furo discursivo do sujeito. A dor de existir se apresenta na forma do indizível. O que Freud encontra como

construções de análise, Winicott avança e aponta para esse ponto de montagem e desmontagem de sentido ao decorrer do discurso do analisando.

A ausência de sentido prévio no mundo que designa o Absurdo de Camus, abre espaço para a liberdade inerente da possibilidade de criação de sentido. Como Antônio Abujamra aponta: “Enforque-se na corda da liberdade!”. A liberdade modifica a perspectiva da possibilidade de sentido da vida e responsabiliza o sujeito pela própria condição da sua existência, sendo inundado pelo excesso de possibilidades. Para Winicott, sinônimo de saúde é o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida.

Retornando para Camus, fica claro a utilidade da poesia, da literatura e das artes como instrumento de criação de sentido. Todo autor escreve a partir de seu sintoma e só através dele. O “não vale a pena existir” se bifurca em dois sentidos enquanto pena. A pena de condenação como é para Sísifo, e como aquele condenado pela sua condição. Toda dor pode ser suportada se puder contar uma história, isto é, inscrever na palavra aquilo que por muitas vezes era indizível. A dor é impensável se não for representada e simbolizada pela palavra. Da linguagem não se escapa uma vez que se adentra o mundo do simbólico.

3.3 O Mito de Sísifo

Os deuses condenam Sísifo a carregar uma pedra em suas costas, por toda eternidade, até o topo de uma montanha. Assim que Sísifo chega ao topo, a pedra rola montanha abaixo. O ciclo se repete através do trabalho inútil. O suor de Sísifo se junta à terra e rapidamente é julgado. Pela sua condição imposta e constante, aprende as novas regras. Será que foi enganado e privado de todos os seus pensamentos? O mortal luta sem parar, faz uma promessa para si mesmo: A partir disso, é a sua vontade que foi lhe tirada. O que ele sentiu nunca refletiu no que demonstrou, nunca sendo ou enxergando, nunca vendo o que poderia ter sido ou ser. Nunca livre, nunca ele mesmo, refém dos deuses imperdoáveis. Eles dedicam a própria vida para condenar tudo que a Sísifo pertence, e essa luta Sísifo não pode vencer. Não se importam com o cansaço de Sísifo e também não permitem o seu fim.

Sísifo é o herói absurdo de Camus. Através desse conto, Camus propõe uma reflexão fazendo uma analogia com as nossas próprias vidas: Somos jogados num mundo desorganizado sem direcionamento, sem sentido ou propósito prévio. Vivemos

dia após dia no eterno ciclo de repetição, assim como Sísifo. O que move o homem cotidiano a fazer o que faz?

Para compreendermos a situação de Sísifo, gostaria de tomar a liberdade e dividir em três momentos a sua condição. O primeiro, é quando Sísifo carrega a pedra para o topo da montanha. O segundo momento, quando a pedra rola montanha abaixo e Sísifo desce do topo até a base desta montanha. E o terceiro e último momento deste ciclo, é a repetição. Esses três momentos cíclicos são interligados entre si, e cada um depende do outro para fazer sentido nessa compreensão. Sísifo não é um personagem estável, e ao decorrer de sua caminhada, em cada momento em que a pedra move, ele se altera e elabora a sua condição. Ele está em um estado de metamorfose.

Quando Sísifo é condenado a carregar o peso da pedra, é tomado pela inconsciência de sua condição. O peso da pedra é seu destino, e nada mais. Seu trabalho é ser um camelo. Lhe é imposto pelos deuses, e é isso que faz sentido para ele nesse momento. Como o camelo de Nietzsche apresentado nas três metamorfoses, Sísifo necessita de sentido. O peso mais pesado para ele, não é a pedra em suas costas, mas sim a necessidade de buscar sentido. Se alegraria se pudesse sustentar o peso do sentido. Só se busca aquilo o que se falta, e na sua indecisão de por onde começar a buscar, avança apressado pela sua própria montanha, assim como o camelo avança pelo deserto. Mas pressa do que? O momento rompe quando chega ao topo e a pedra rola montanha abaixo. Aqui temos um novo elemento, o fôlego. Sísifo ao descer a montanha sem sua pedra, desperta em sua consciência, desfruta da brisa leve e a paisagem da terra. Questiona a sua condição, e só esse respiro que lhe proporciona esse lampejo. Mas ele se revolta assim como um leão no deserto, pois sabe o que lhe espera. Como o leão, busca a captura da liberdade: Quer ser senhor. É hostil e se revolta, luta contra os deuses e o seu “tu deves". Sísifo responde, “eu quero”, mas ainda enfrenta através da revolta a carga de valores que precisa superar. A pedra ainda está em suas costas e ainda é pesada. Essa transvaloração é seu sentido, superar é preciso. Uma característica lhe é observável: Tem a coragem para o sagrado “Não” e tem a coragem de criar liberdade para a criação. Sem espaço e sem forças de leão, não seria capaz. É tão forte que até mesmo ao seu dever, é capaz de dizer não. Isso é a necessidade de seu espírito, é sustentação de sua alma, é o seu sentido. Quando o herói absurdo pensa e questiona, enfrenta pelo seu lampejo de consciência o horror de existir no mar do absurdo:

> “Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua miserável condição: pensa nela durante a descida” (CAMUS, 2019, p. 139).

Ainda pensa no seu peso, mas não o aceita e muito menos o compreende. É refém dele para existir, sem o amargor de sua miséria, não é nada. O retorno ainda é fardo, não libertação. O que ele fará a partir daí e com isso?

O terceiro momento desse ciclo é a repetição. É quando Sísifo retorna a sua pedra, coloca-a novamente em suas costas e continua a marcha até o topo. Aqui ele já é consciente, mas existe um detalhe que modifica totalmente a sua condição:

> “Em cada um desses instantes, quando ele abandona os cumes e mergulha pouco a pouco nas guaridas dos deuses, Sísifo é superior ao seu destino. É mais forte que sua rocha” (CAMUS, 2019, p. 139).

Sísifo elabora a partir disso seus próprios valores, ele é mais forte que sua rocha pois ele se tornou a própria rocha. Ele é seu próprio peso e medida. É como uma criança que pautada pela sua inocência, se permite ao seu sim. A criança aceita, se esquece e se direciona pelo jogo da criação. A sua vontade lhe basta e conquista o seu mundo criado. Se emancipa de sua condição imposta e percebe o espaço criado pela repetição para a elaboração, para a ressignificação e para a sua superação. A repetição demanda o novo, se volta para o lúdico que se faz, de inédito sua dimensão real. Tudo na repetição varia e modula, é uma alteração em e de seu sentido. A repetição de Sísifo é o seu sentido, a cada repetição se tem o novo, se tem uma nova ética. O mesmo sendo o mesmo, mas diferente. A cada passo, Sísifo não é mais o mesmo Sísifo.

O adulto, aquela criança mais desenvolvida, exige nas suas ações esse novo, o brilho da liberdade do brincar: o lúdico é a forma mais radical da repetição, é o espaço criado para elaborar. Quando Sísifo é criança, ele cria e se torna o sentido, é necessário. O retorno da necessidade visa o consumo posto a serviço do apetite da satisfação do desejo.

A repetição permite a maturação, a ressonância e a contemplação. Às vezes não entende o sentido de forma racional, apenas sente e isso basta. Sísifo não espera nada antes ou depois, a rocha continua a rolar e a marcha continua a marchar. Temos aí uma ética própria, não existirá uma salvação além. A condição absurda de Sísifo sustenta o desejo e o desespero de viver. Se torna o próprio sentido e forja quem Sísifo é. Bem-

aventurado é aquele que adentra o mar próprio de rosas e espinhos, e Sísifo faz isso através de sua repetição. A repetição é o sentido.

> "Quando as imagens da Terra se aferram com muita força à lembrança, quando o chamado da felicidade torna-se premente demais, então a tristeza se ergue no coração do homem: é a vitória da rocha, é a própria rocha" (CAMUS, 2019, p. 139).

Quando a busca pelo sentido e pela felicidade se torna presente na consciência, o sentido se desfaz pela angústia. O sentido é como tentar segurar um punhado de areia entre as mãos: Quanto mais forte apertamos, mais se escapa pelos dedos. Em certos momentos Sísifo é a pedra, é o sentido, é a repetição. Em outros, apenas carrega o peso de existir em sua condição. Assim como em nossas vidas, dias bons e ruins virão. E tudo bem, irá se repetir e continuaremos a caminhar. A felicidade e a angústia do absurdo são duas filhas da mesma mãe. São dialéticas e antagonistas em si, mas necessárias para cada uma existir. Não há luz sem sombra, e é preciso conhecer a escuridão. Sísifo é o cego que procura enxergar e sabe que essa noite não terá fim, ele compreende que tudo está bem: Traz para si o controle da sua condição. Cabe a si criar a sua condição e nada além mais. Não existe deuses, terra ou paraíso, existe ele mesmo.

> "Esse universo, doravante sem dono, não lhe parece estéril nem fútil. Cada grão dessa pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz" (CAMUS, 2019, p. 141).

O mundo é feito dos significados e significantes atribuídos a ele. O trilhar de Sísifo já lhe basta, é nele que encontra o seu sentido. Na repetição do trilhar, nas dores e nos prazeres, nas tristezas e felicidades, aceita incondicionalmente o seu destino pela sua própria verdade criada. Precisamos imaginar Sísifo feliz pois somos Sísifo. Cabe a cada um de nós se tornar a própria pedra e continuar a marchar. É ser a criança que cria e não se priva pela revolta do peso que lhe foi imposta. A grandeza de Sísifo se dá pela sua postura grandiosa em relação a sua condição, a condição humana. Sua postura só é bela pela magnitude de sua existência. Sem sentido, a vida é maior. O problema era não ter, agora é ter sentido. Se nas linhas do destino e do universo existisse um sentido, seria

trágico viver uma vida sem possibilidade de mudança. Sem o absurdo, Sísifo não seria quem é e o que se tornou. Isso nos assemelha. A dor de existir no vazio se transcreve na possibilidade de criação, de potência. De nos tornarmos aquilo que nós de fato somos. Nas linhas absurdas da vida, escrevemos a nossa própria palavra. Da ruína, a nossa salvação.

Quando penso em Sísifo nem sempre o imagino feliz. Poderia apostar todas as fichas que em algum momento ele iria se render a pedra e ao seu peso. Em seu trabalho inútil, em algum momento sentiria o desespero, as correntes que o aprisionam em sua condição. Trabalho inútil por não enxergar a direção do que faz e porque faz. O sentido ainda é externo, imposto, e não interno e necessário. Os deuses escolheram, não Sísifo.

Ele sabe que tudo está bem, mas às vezes pode sentir que não está. E tudo bem também, a pedra irá continuar a rolar. A elaboração de Sísifo tem seu tempo, é além de seu desejo e vontade. Ela depende do tempo, do erro e da falha. Esse conflito que o coloca em movimento, que repete. Qual é o verdadeiro desejo de Sísifo? Será que é ser feliz? E por que já não seria? Pensamos e refletimos sobre Sísifo, mas nunca perguntamos para ele o que ele realmente pensa e sente. Somos espectadores de sua (des)graça mas nunca demos voz a Sísifo. Amamos e nos identificamos com Sísifo pois somos Sísifo. Somos ele e carregamos a sua pedra. Fazemos da dor a subida da vida e desfrutamos da descida com grande deleite. Exercitamos nossas funções e papéis, questionamos a nossa estadia neste mundo absurdo. Caímos e levantamos, a montanha rala nossos joelhos e caleja os nossos pés. A beleza é que continuamos. Repetimos. Fazemos da resiliência a nossa casa. Que a pedra ressoe por toda eternidade, pois sem ela não somos nada. Deixaríamos de existir e criar o nosso sentido.

Talvez o grande erro seja interpretar Sísifo pelo nosso olhar, e não o dele. O mortal usou de sua liberdade e escolheu. Talvez não refletiu sobre suas consequências, mas escolheu, mais de uma vez, inclusive. Apesar de sua condição, ele nunca reclamou. Nós é que demos voz às nossas próprias imaginações. Especulamos, imaginamos e projetamos nossas vidas em Sísifo. As dores de Sísifo são as nossas dores, pois desde sempre foram. Quando Camus nos diz que precisamos imaginar Sísifo feliz, precisamos, pois, nós é que não estamos felizes. Se estivéssemos, ele também estaria. O que quero dizer é: A pedra não está apoiada em nossas costas, ela está dentro de nós. O que faremos disso ou com isso é uma questão individual. Entre o céu e o inferno, cada um trilhará o seu caminho, desafiará o seu deus e também pedirá acalento para ele. O

mais importante disso tudo é que repetiremos dia após dia o elaborar pela repetição. Que a montanha seja árdua, pois é assim que deve ser e é.

Imaginamos Sísifo em sua condição na mais pura tragédia, eu já não penso assim. Trágico seria se Sísifo renunciasse o seu destino e anulasse a sua experiência enquanto vivo em seu mundo. Trágico seria se não experienciasse em sua mais plena potencialidade. Vemos outro sentido então: o sentido que nasce da intensidade (como intimidade, conexão, relação) com que se relaciona com a experiência. Se preza pela qualidade da experiência, seja positiva ou negativa, na subida ou na descida da montanha. As ferramentas que possibilitam a intimidade com a experiência nascem da consciência, do fôlego, e mais uma vez da repetição.

O sagrado sim voltado para a aceitação da experiência elucida a ideia de dois conceitos nietzschianos: O Amor Fati, dedicado para a aceitação incondicional do destino; e o Eterno Retorno, que se apoia na repetição cíclica de todas as coisas. Ambos os conceitos conversam intimamente com a obra de Camus e com este trabalho.

3.4 A Repetição como Sentido: O Eterno Retorno

Nietzsche utiliza como ferramenta o conceito de “Eterno Retorno”, no qual todas as coisas do universo em suas constituições, retornarão num infinito ciclo de repetição sem início ou fim. Ou seja, a existência é eternidade, e eternidade é existência, sendo sempre um retorno do mesmo.

A explicação cosmológica desse conceito sustenta a ideia de que o tempo é infinito, diferente da finitude da matéria. Logo, não existindo um outro mundo metafísico transcendente além deste e apenas este, os encadeamentos cíclicos irão se repetir em determinado momento futuro.

Numa outra perspectiva, a ética, diz que todo ato retornando futuramente nos deixa apenas duas saídas: O do desespero ou da alegria. Nietzsche através de um conto propõe a vinda de um demônio à terra, esse que iria dizer que a vida da forma que se vive e se viveu, teria de ser vivida de novo, porém inúmeras vezes mais pelo infinito. Não haveria nada novo ou diferente nela, em cada dor, cada alegria, cada detalhe minúsculo e irrelevante ou cada triunfo grandioso, retornaria para você mesmo, na mesma sucessão, encadeamento e sequência: O infinito. Considerando a possibilidade de que cada ato escolhido, será escolhido para sempre, e que cada vida não vivida permaneceria intacta dentro de cada um de nós, não vivida por toda eternidade,

estaríamos imersos no desespero ou na alegria? Seria válido então o sofrimento de uma vida não vivida?

O Eterno Retorno justifica e sustenta dessa maneira a existência por si só, não terceirizando a responsabilidade da elaboração de valores para concepções éticas no além-mundo, tal qual as religiões fazem por exemplo. O próprio sujeito se torna criador de seus valores, deslocando a eternidade neste mundo presente material e não no além metafísico. É a transvaloração proposta e necessária para o homem se tornar a própria potência.

O conceito do Eterno Retorno é pautado pela repetição, é o seu elemento fundamental. Assim como em o Mito de Sísifo, a própria repetição dá significado e sentido para as coisas e para a vida. A repetição se torna o argumento necessário para a validação da própria existência: Se tenho apenas esta vida, pois então que ela seja vivida! A cada dia, repetimos e ressignificamos a própria vida e os nossos valores. Poderíamos pensar acerca do Eterno Retorno numa perspectiva tanto cosmológica quanto ética, porém aqui me atentarei em relação a real possibilidade da incorporação do mais pesado dos pesos.

> "O mais pesado dos pesos. — E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: "Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência (...)". Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: "Tu és um deus, e nunca ouvi nada mais divino!" Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse; a pergunta, diante de tudo e de cada coisa: "Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?" pesaria como o mais pesado dos pesos sobre o teu agir!" (NIETZSCHE, 2012, pg. 205)

O Eterno Retorno esmaga, quebra, rompe e sufoca o homem assim como também foi com Nietzsche. Apenas o além homem poderia ser capaz de afirmar o Eterno Retorno em sua completude, ele é o mestre do círculo, da repetição. Enquanto o além homem não chega, cabe a nós transvalorar nossos valores através da eterna

repetição. De nada basta as milhões de filosofias se nada delas é vivido. Se a repetição eterna é o caminho, como incorporar isso de fato na vida? Simples, uma vida voltada para tal incorporação, eis o sentido! Que disso se sustente a Vontade de Potência. Ela é a condição da incorporação. É a vontade de dominação, de apropriação, de se incorporar. É a intimidade da experiência vivida. É a manifestação da administração de escolhas e ações, é viver tanto a dor quanto a alegria, é ser Sísifo em sua subida e descida da montanha. Talvez Sísifo tenha encontrado Zaratustra no cume da montanha, podemos imaginar... chegar no cume, mas não para dominar, mas sim ser capaz de dançar com as dualidades da vida e permitir que as forças da existência nos atravessem. É o caminho da travessia, não a chegada. O pássaro não se apropria do vento para voar, usa das suas forças para atravessar o céu. A força da mãe natureza flui, não se controla. A Vontade de Potência está aqui: Em tomar, incorporar, separar, se desvincular, dançar e observar. É o processo vital de se permitir a viver. O peso é o mais pesado pois depende de uma reorganização constante das forças de si e da vida. É a pedra de Sísifo que pesa. Nos tornaremos mais fortes a cada subida e a cada descida da montanha com a pedra nas costas. O tempo, antes o senhor de escravos, agora é a própria liberdade. Tempo é repetição, repetição é sentido.

O próprio Nietzsche ainda não podia afirmar o Eterno Retorno pois não estava pronto para lidar com as forças que habitavam e rodeavam quem era. Em sua obra encontramos nos seus escritos a ideia de amor-fati, conseguinte do Eterno Retorno:

> "Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: – assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. Amor fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!" (NIETZSCHE, 1882, p. 166).

Essa é a beleza da filosofia nietzschiana, é a aceitação, é a incorporação. Apenas o pensar não basta, precisa-se viver! Da eterna repetição das coisas, se exige o amor-fati, se exige a capacidade de "aprender a ver como belo o necessário nas coisas". É a aceitação incondicional das coisas, da vida e do destino. Que o tempo seja o instrumento necessário para a maturação da vida, que seja ele a possibilidade de dar corpo ao pensamento. Que seja dele a força que sustenta o peso mais pesado de todos.

Que se jogue no lixo todo tipo de erudição vazia, que se viva! O processo é penoso, violento, agressivo, nunca será de fácil digestão. Apesar disso, daí surge a alegria mais autêntica de todas: Fazer vida e pensamento dançarem no mesmo compasso da existência da vida. Não basta saber pela razão, é exigido a coragem de viver cada uma das próprias sabedorias.

Como Camus enxerga no Absurdo, Nietzsche aponta para o resultado da nossa existência como efeito de causas infinitamente distantes e fora de qualquer controle. Não há outra opção de vida se não a aceitação e o amor pelo o que é. É o caos do Inaudito. Não é a omissão ou afastamento das coisas, muito pelo contrário, é a proximidade de experiência. É a demanda de criar o novo, assim como a criança sempre cria e criou. Que o sentido seja ter a vontade de criar uma vida que queiramos e afirmamos eternamente pela repetição do infinito.

> "Minha fórmula para grandeza no homem é amor fati. Não querer nada de outro modo, nem para diante nem para atras, nem em toda eternidade. não meramente suportar o necessário e menos ainda dissimula-lo, todo idealismo é mendacidade diante do necessário, mas amá-lo. Não desejar que as coisas sejam diferente, pode ser difícil, mas é realmente transformador" (NIETZSCHE, 1888, p. 34).

Nada querer diferente, eis a incorporação da repetição eterna. Tudo pode voltar e retornar exatamente igual, mas diferente. Estar disposto a amar aquilo que é da maneira como é, é a consequência da incorporação do pensamento. É o resultado da grandeza à capacidade de afirmar a nobreza e a distinção, é a plena capacidade de afirmação de um mundo como Vontade de Potência e nada além. Nietzsche (1888) deixa de falar e começa a viver, e após longos anos ruminando diz: "A vida tornou-se-me leve, a mais leve, quando exigiu de mim o mais pesado".

O sentido da vida é viver.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um tema amplo e extremamente complexo, seria muito leviano indicar uma resposta objetiva para a pergunta de se a vida possui sentido ou não, e se sim, qual seria. Logo, se torna uma discussão aberta e em constante construção, que depende da perspectiva que se busca observar e analisar. Em suma, é uma questão que

se respalda na subjetividade de cada um e se sustenta na construção que o mesmo faz a partir de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 16ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.

NIETZCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2001.

NIETZCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira].-Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão : a atualidade das depressões**. - São Paulo : Boitempo, 2009.